



## A zoogeografia no folclore em “Geografia dos Mitos Brasileiros” de Luís da Câmara

Cascudo

Zoogeography in folklore in “Geography of Brazilian Myths” by Luís da Câmara Cascudo

**Renan Hideki Pereira Okado**

Licenciado em Geografia

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

<https://orcid.org/0009-0002-3211-8102>

[renanhpokado@gmail.com](mailto:renanhpokado@gmail.com)

**Carlos Francisco Gerencseiz Geraldino**

Doutor em Geografia

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0003-1401-2400>

[carlosgeraldino@ifsp.edu.br](mailto:carlosgeraldino@ifsp.edu.br)

**EDIÇÃO ESPECIAL - X ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PÓS-GRADUAÇÃO DO IFSP - CAMPUS SÃO PAULO (EICPOG)**

### Resumo

No intuito de investigar relações existentes entre a biogeografia e outros campos do saber, esta pesquisa trata da zoogeografia presente no livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022), de Luís da Câmara Cascudo. Buscou-se averiguar a possibilidade de conexões entre os mitos descritos no referido livro e a fauna de onde cada mito foi coletado. Para isso, nos utilizamos do Capítulo 5 de *Zoogeografia do Brasil* (2018), intitulado *As Províncias Zoogeográficas Brasileiras e Seus Padrões Faunísticos*, de Roberto Marques Neto, no qual o autor aborda as seis províncias zoogeográficas brasileiras a partir da proposição de Fittkau (1969) para províncias zoogeográficas da América do Sul. A descrição minuciosa dos padrões faunísticos de cada província zoogeográfica trazida neste capítulo, sobretudo quanto aos mamíferos, permitiu a verificação da ocorrência de animais com características compatíveis às características animais presentes em alguns mitos do livro na região onde este mito é difundido. Dessa forma, na análise dos mitos à luz da zoogeografia, foi possível constatar relações evidentes entre a fauna e a mitologia expressa por Câmara Cascudo, no sentido em que 44 dos 45 mitos animais analisados possuem animais com características correspondentes ocorrendo na província zoogeográfica que abriga o mito.

**Palavras-chave:** Zoogeografia, províncias zoogeográficas, biogeografia, Câmara Cascudo, folclore, mitos.

### Abstract

In order to investigate existing relationships between biogeography and other fields of knowledge, this research addresses the zoogeography present in the book *Geography of Brazilian Myths* (2022), by Luís da Câmara Cascudo. The aim was to ascertain the possibility of connections between the myths described in the aforementioned book and the fauna from which each myth was collected. To this end, we used Chapter 5 of *Zoogeography of Brazil* (2018), entitled "The Brazilian Zoogeographical Provinces and Their Faunistic Patterns," by Roberto Marques Neto, in which the author addresses the six Brazilian zoogeographical provinces based on Fittkau (1969) proposition for zoogeographical provinces of South America. The meticulous description of the faunal patterns of each zoogeographical province presented in this chapter, especially regarding mammals, allowed us to verify the occurrence of animals with characteristics compatible with the animalistic characteristics present in some myths of the book in the region where this myth is disseminated. Thus, in the analysis of myths

in the light of zoogeography, it was possible to observe evident relationships between the fauna and the mythology expressed by Câmara Cascudo, in the sense that 44 of the 45 animal myths analyzed have animals with corresponding characteristics occurring in the zoogeographical province that harbors the myth.

**Keywords:** Zoogeography, zoogeographical provinces, biogeography, Câmara Cascudo, folklore, myths.

## Introdução

A pesquisa exposta a seguir tratou da biogeografia, sobretudo a zoogeografia, presente na obra *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022), de Luís da Câmara Cascudo (1898 - 1986), na qual o autor busca expor e classificar as raízes e variações de mitos do folclore brasileiro. O autor nordestino foi um dos folcloristas mais proeminentes durante o século XX, adquirindo renome internacional. Interessava-se, sobretudo, pela cultura e pelas tradições do povo. Sua vasta obra é espantosa em quantidade e qualidade. Tido no Brasil e no mundo como o primeiro folclorista brasileiro, também é considerado excelente historiador, antropólogo, etnólogo, sociólogo, musicólogo, poeta, cronista, professor, advogado e jornalista. Um exímio conhecedor do povo brasileiro.

*Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022) é, com certeza, um dos livros mais conhecidos de Luís da Câmara Cascudo. Publicado originalmente em 1947 pela editora José Olympio, é fruto de viagens ao longo das décadas de 1930 e 1940, nas quais o autor coletou oralmente relatos de mitos provenientes de diversos estados do Brasil. Reunindo histórias de mitos que povoam a imaginação do povo brasileiro, o livro conquistou o prêmio João Ribeiro da ABL - Academia Brasileira de Letras, em 1948. Após a publicação original, recebeu uma segunda edição ainda com a editora José Olympio, em 1976, e uma terceira versão com a editora Itatiaia, em 1983. Com a editora Global, que atualmente é editora de todas as obras de sucesso de Câmara Cascudo, recebeu uma terceira, quarta e quinta edição em 2002, 2015 e 2022, respectivamente.

Para esta pesquisa, optamos por utilizar a quinta edição, por ser a mais atual. Na obra, Câmara Cascudo busca uma explicação para a origem de cada mito, bem como fatores que podem tê-lo influenciado, embasando-se nas características históricas e geográficas de cada localidade. Trata-se de uma minuciosa investigação etnográfica, mas também antropológica, histórica, sociológica e geográfica, através do levantamento de relatos orais, documentos escritos e das peculiaridades de cada povo e região. O livro está dividido em três blocos principais: “Geografia dos mitos brasileiros”, “Mitos primitivos e gerais” e “Mitos secundários e locais”, nesta sequência.

Sobre a biogeografia, podemos defini-la como uma disciplina que atua na interseção entre a Geografia e a Biologia, uma vez que “perpassa as relações entre manifestações bióticas e o espaço geográfico” (Marques Neto, 2018, p. 11). A biogeografia, sob a perspectiva da organização espacial, desdobra-se na Fitogeografia (Estudo geográfico da vegetação) e na Zoogeografia (Estudo geográfico da fauna), enfoque desta pesquisa. No concernente à Geografia, os geógrafos brasileiros da biogeografia têm debruçado seus estudos principalmente na fitogeografia, deixando a zoogeografia à margem da disciplina, talvez em função da dificuldade em se cartografar e sistematizar as interações de animais com a paisagem, considerando que estes estão em constante movimento, diferentemente das plantas enraizadas no solo. Roberto Marques Neto define a Zoogeografia como:

[...] o campo da Biogeografia que se incumbe dos estudos espaciais de espécies e agrupamentos faunísticos (zoocenoses), e de seus aspectos históricos (evolucionários) e de suas relações com os sistemas ambientais e com as atividades humanas. A perspectiva geográfica se volta para abordagens horizontalizadas, interessadas no estudo da fauna no plano das organizações espaciais e com apoio da cartografia, ao passo que a perspectiva ecológica se interessa pelos estudos verticais que personificam a estrutura dos ecossistemas e processos ecológicos associados (Marques Neto, 2018, p. 14).

No âmbito da Zoogeografia, é de interesse da presente pesquisa a distribuição da fauna no território brasileiro, trabalhada por Roberto Marques Neto no quinto capítulo de *Zoogeografia do Brasil* (2018) - *As Províncias Zoogeográficas Brasileiras e Seus Padrões*

*Faunísticos*, a partir da proposição de Fittkau (1969) para províncias zoogeográficas da América do Sul.

Dessa forma, para realizar a análise proposta, esta pesquisa buscou aferir, utilizando-se da obra *Zoogeografia do Brasil: a fauna, a paisagem e as organizações espaciais* (2018), de Roberto Marques Neto, a relação da fauna com os mitos descritos em *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022). Assim, o problema que este estudo se propôs a responder foi: Existem relações entre os mitos animais do livro e as faunas locais de onde cada mito foi coletado? A hipótese inicial foi de que os mitos animais presentes no livro possuem forte influência da fauna local. Esta influência poderia ocorrer tanto na origem do mito quanto a partir de sua propagação pelas regiões brasileiras por meio das migrações, o que o faz chegar a novos contextos zoogeográficos e sofrer modificações relacionadas às características físicas da fauna local.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar o referido livro de Câmara Cascudo confrontando-o com estudos da zoogeografia, sobretudo o livro *Zoogeografia do Brasil: a fauna, a paisagem e as organizações espaciais* (2018), de Roberto Marques Neto, buscando identificar possíveis correlações entre os mitos presentes em *Geografia dos mitos brasileiros* (2022) e a zoogeografia das províncias zoogeográficas brasileiras.

No intuito de servir de suporte para futuros estudos relacionados a esta área do conhecimento, esperamos também que este trabalho possa auxiliar no preenchimento da lacuna epistêmica existente no que tange à relação entre a zoogeografia e o folclore brasileiro, haja vista a notória escassez de trabalhos que relacionem biogeografia e elementos da cultura, sobretudo o folclore, que é parte fundamental no que constitui a identidade cultural do povo brasileiro.

## Metodologia

Como dito, a pesquisa buscou responder a seguinte pergunta: “Existem relações entre os mitos animais do livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022) e as faunas locais de onde o mito foi coletado? “. Assim, partimos da hipótese de que: Sim, os mitos relacionados à animais presentes no livro possuem forte influência da fauna onde o mito foi coletado. Esta influência poderia ser tanto na origem do mito quanto, também, quando este mito original se propaga pelas regiões brasileiras, chega a novos contextos zoogeográficos e, à vista disso, sofre modificações.

Buscando testar nossa hipótese, a pesquisa se deu através da leitura sistemática de *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022), tomando como principal fonte teórica o quinto capítulo de *Zoogeografia do Brasil* (2018) - *As Províncias Zoogeográficas Brasileiras e Seus Padrões Faunísticos*, principalmente no que tange às províncias zoogeográficas e os animais encontrados em cada uma delas, buscando levantar dados de interesse para responder o problema da pesquisa e discutir quais as possíveis relações existentes. Considerando que o referido capítulo aborda as seis províncias zoogeográficas brasileiras a partir da proposição de Fittkau, de 1969, e que *Geografia dos Mitos Brasileiros* foi publicado originalmente em 1947, o cruzamento destas duas fontes torna-se conveniente tendo em vista a proximidade temporal de ambas as publicações.

**Figura 1:** Mapa das Províncias Zoogeográficas da América do Sul, segundo Fittkau (1969)



**Fonte:** Paiva, 1999.

No referido capítulo, Roberto Marques Neto, utiliza a regionalização de Fittkau (1969) para traçar um perfil da fauna de cada uma das seis regiões zoogeográficas que incidem sobre o território brasileiro, com uma atenção especial para a classe dos mamíferos, para a qual o autor desenvolveu um gráfico com a proporção numérica entre ordens de mamíferos para cada uma das regiões.

Assim, foram lidos na íntegra todos os mitos das seções *Mitos Primitivos e Gerais* e *Mitos Secundários e Locais*, do livro de Câmara Cascudo, totalizando 72 mitos, entre mitos animalescos e não animalescos, confrontando-os com a descrição da fauna apresentada por Roberto Marques Neto.

Em seguida, os mitos foram sistematizados de forma que fosse possível responder algumas questões:

1. Dentre os mitos selecionados, quantos são animalescos?
2. Os animais relacionados aos mitos ocorrem na província zoogeográfica em que o mito foi coletado?
3. Qual a quantidade de características de animais diferentes entre os mitos animalescos?
4. Qual a quantidade de vezes em que cada província zoogeográfica aparece como habitat dos mitos animalescos?

5. Qual a proporção numérica entre classes de animais vertebrados presentes entre os mitos animais do livro?

6. Qual a proporção numérica entre ordens de mamíferos presentes entre os mitos animais do livro?

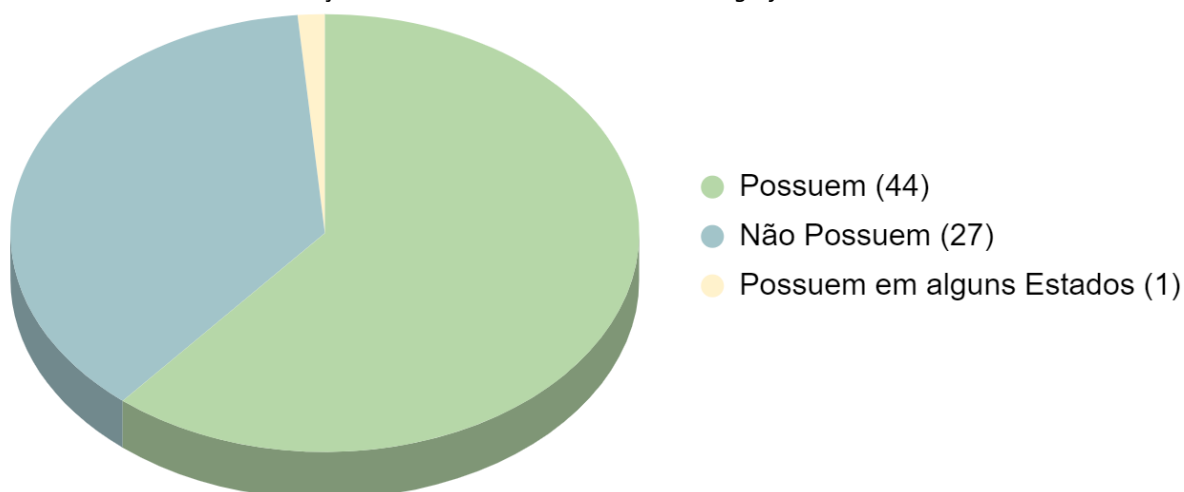
Após o levantamento destas informações, os dados foram transformados em gráficos, os quais são discutidos na sequência.

### Resultados e Discussão

Dentre todos os mitos presentes nos capítulos *Mitos Primitivos e Gerais* (p. 57 - 248) e *Mitos Secundários e Locais* (p. 251 - 355), do livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022) de Câmara Cascudo, destacamos, primeiramente, os mitos que estão relacionados a animais.

Num total de 72 mitos, 27 deles não possuem nenhuma relação animal e, portanto, foram descartados dos próximos levantamentos. Dos 45 mitos animais, um deles, o mito do Tutu, é animal somente em um Estado. O Tutu, que não tem forma definida, na Bahia assume a forma de um porco-do-mato. Os dados estão expressos no gráfico a seguir:

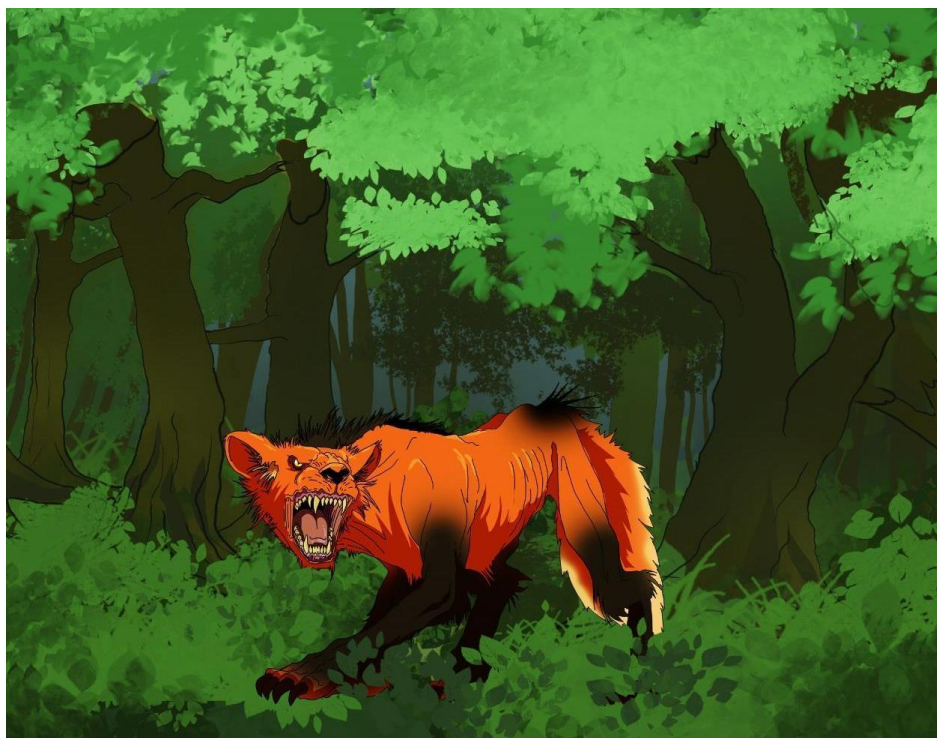
**Gráfico 1:** relação dos mitos com os animais em *Geografia dos Mitos Brasileiros*



**Fonte:** Autoria própria.

Dentre estes 45 mitos, é importante destacar que 40 deles são de fato um animal ou possuem a habilidade de se tornarem um, enquanto os outros 5 somente montam ou são acompanhados por animais. Estes 5 são: Curupira, Caapora, Negrinho do Pastoreio, Saci-Pererê e Vaqueiro misterioso.

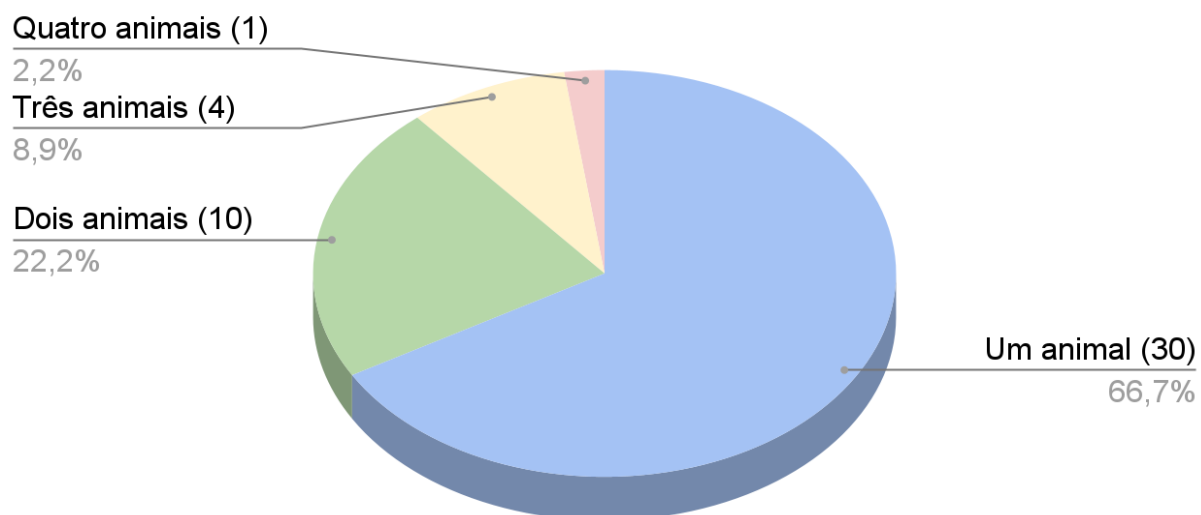
Verificamos também que entre estes 45 mitos animais, somente em um deles o animal relacionado ao mito não ocorre na província zoogeográfica correspondente. Trata-se do mito do Guará, difundido nos estados do Pará e Maranhão, província da Hiléia. O animal em questão é o próprio Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), que ocorre principalmente nas províncias zoogeográficas Bororó e Cariri, vizinhas justamente da Hiléia. Nossa hipótese em relação à difusão deste mito em uma província zoogeográfica em que o Lobo-Guará não ocorre é que, considerando que o mito é difundido numa região próxima da fronteira da Hiléia com as províncias zoogeográficas Bororó e Cariri, o animal pode ter sido avistado em regiões de transição, principalmente levando em consideração o crescente desmatamento na região e a expansão da área de ocorrência do Lobo-guará no bioma amazônico (Silva-Diogo et. al, 2020). Uma segunda hipótese é a possibilidade deste mito ter “migrado” junto com os povos que moram e trabalham na região, principalmente considerando a proximidade geográfica entre as províncias. Em todos os outros 44 mitos animais relacionados ao mito ocorrem na província zoogeográfica em que o mito foi coletado, uma taxa de quase 98%.

**Figura 2:** Ilustração do mito do “Guará”

**Ilustração:** Ishikawa-Sensei.

Percebemos, conforme avançávamos na leitura, que a quantidade de animais que participam dos mitos também varia, isto é, alguns mitos possuem relação com apenas um animal, enquanto outros possuem relação com dois, três ou quatro animais diferentes. Sistematizamos estes dados também, conforme observa-se no gráfico 2.

**Gráfico 2:** Quantidade de características de animais diferentes em um mesmo mito entre os mitos animais de *Geografia dos Mitos Brasileiros*



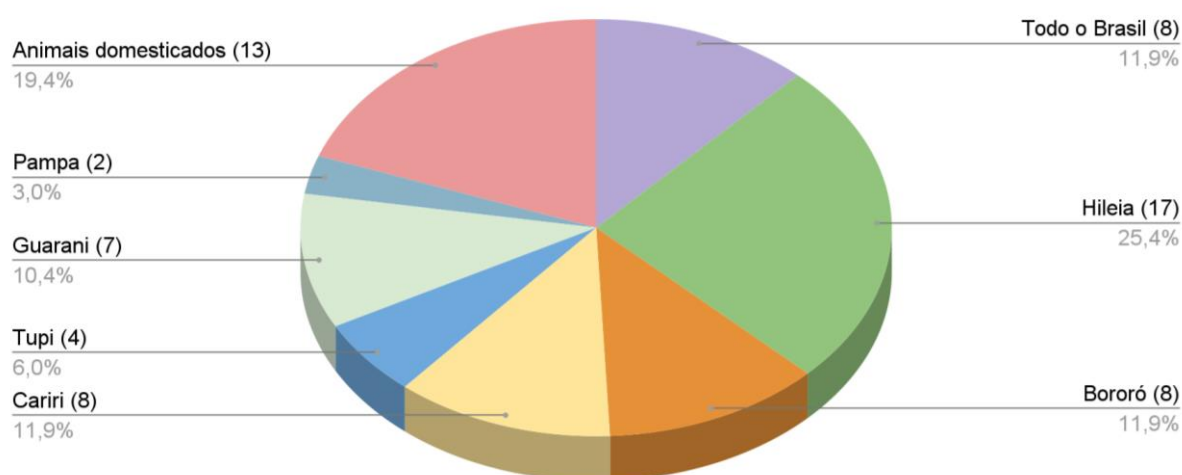
**Fonte:** Autoria própria.

Nota-se que mais de dois terços dos mitos possuem relação com somente um animal, enquanto o restante conta com a participação de mais de um animal. O único mito que mescla mais de três animais é o mito do Capelobo, coletado na província zoogeográfica Hiléia. Outro dado interessante é quanto a quantidade de vezes que cada uma das seis províncias zoogeográficas são citadas como habitat dos animais que relacionam-se com os mitos



animalescos. Estes dados também foram organizados no gráfico 3, separando-se uma categoria à parte para mitos que contam com animais domesticados, considerando que estes ocorrem em todas as províncias e não entram na contagem da biodiversidade feita por Marques Neto (2018), no capítulo *As Províncias Zoogeográficas Brasileiras e Seus Padrões Faunísticos*. Separamos também uma categoria para mitos que são de difusão nacional, pois se o mito é difundido por todo o território, basta que exista um animal brasileiro com características animalescas semelhante ao do mito. Em casos de mitos que possuem difusão em mais de uma província zoogeográfica ou que foram coletados em áreas de transição de província, ambas foram consideradas, o que fez com que a soma das citações excedesse o total de mitos animalescos.

**Gráfico 3:** Quantidade de vezes que cada província zoogeográfica aparece como habitat dos mitos animalescos de *Geografia dos Mitos Brasileiros*



Fonte: Autoria própria.

Entre os 13 mitos com animais domesticados, quase a metade tem a participação de cavalos, com 6 aparições. Alguns mitos possuem participação de animais domesticados e selvagens, em conjunto, como no caso da Onça-boi.

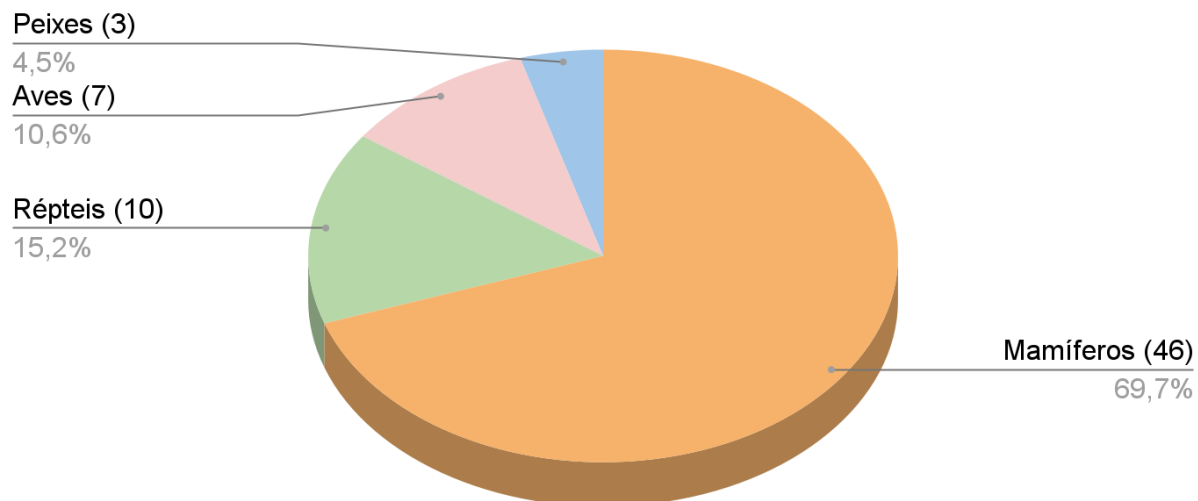
A província zoogeográfica mais citada como habitat de animais relacionados aos mitos é a Hileia. Dois fatos que podem justificar isso são, primeiro, a extensão territorial da província, que é a maior entre as seis e, segundo, a enorme biodiversidade encontrada na região amazônica.

A província Tupi, embora seja uma das mais biodiversas, chama atenção pela baixa quantidade de citações. Possivelmente, este fato pode estar relacionado ao desmatamento em função da intensa ocupação humana no litoral brasileiro. A presença portuguesa na região é outro fator que poderia influenciar a baixa presença da província Tupi entre os mitos animalescos, isto porque, em geral, boa parte dos mitos portugueses são antropomórficos, como no caso dos mitos Canhambora, Corpo-seco, Angoera, Zumbi, entre outros, todos difundidos pela província Tupi.

Sobre os animais presentes nos mitos, buscamos classificá-los quanto à sua classe entre as classes de animais vertebrados, considerando que todos os animais dos mitos são vertebrados e, posteriormente, classificar os animais da classe Mammalia conforme sua ordem entre os mamíferos, visando comparar os dados obtidos com os dados apresentados por Marques Neto, no quinto capítulo de *Zoogeografia do Brasil* (2018). Não classificamos em táxons inferiores como Família, Gênero e Espécie pois, em muitos casos, a definição precisa do animal influenciador do mito é incerta, principalmente para espécies de peixes e aves.



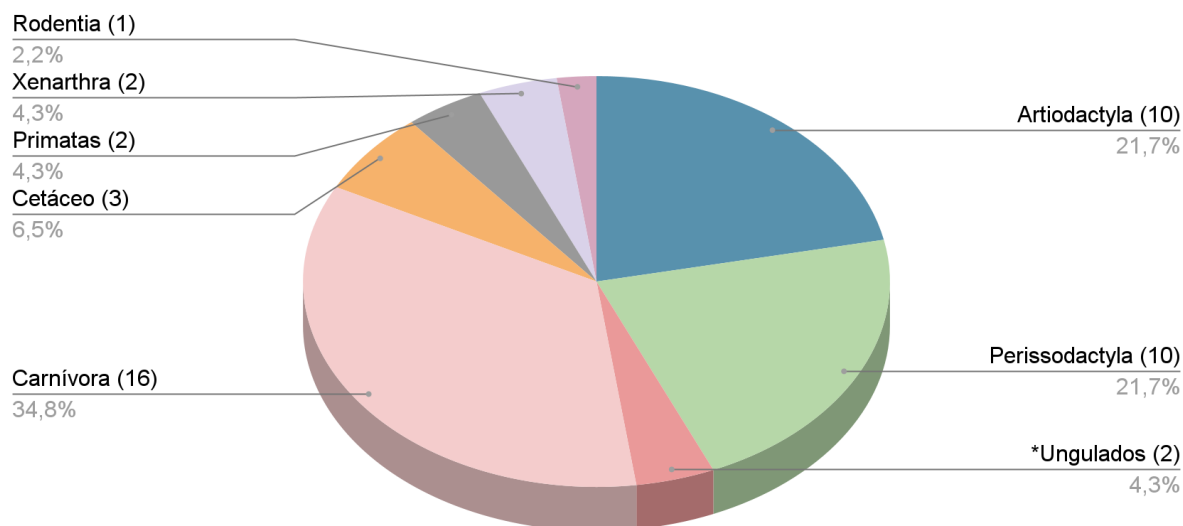
**Gráfico 4:** Proporção numérica entre classes de animais vertebrados presentes entre os mitos de *Geografia dos Mitos Brasileiros*



Fonte: Autoria própria.

Chama atenção a quantidade de aparições de animais mamíferos entre os mitos, representando mais de dois terços. Percebe-se também a ausência de anfíbios entre os mitos animalescos do livro. Entre os 10 répteis, verificamos que 9 deles são da ordem Squamata e 1 é da ordem Crocodylia. A proporção numérica entre as ordens dos 46 mamíferos dos mitos está demonstrada no gráfico a seguir:

**Gráfico 5:** Proporção numérica entre ordens de mamíferos presentes entre os mitos de *Geografia dos Mitos Brasileiros*

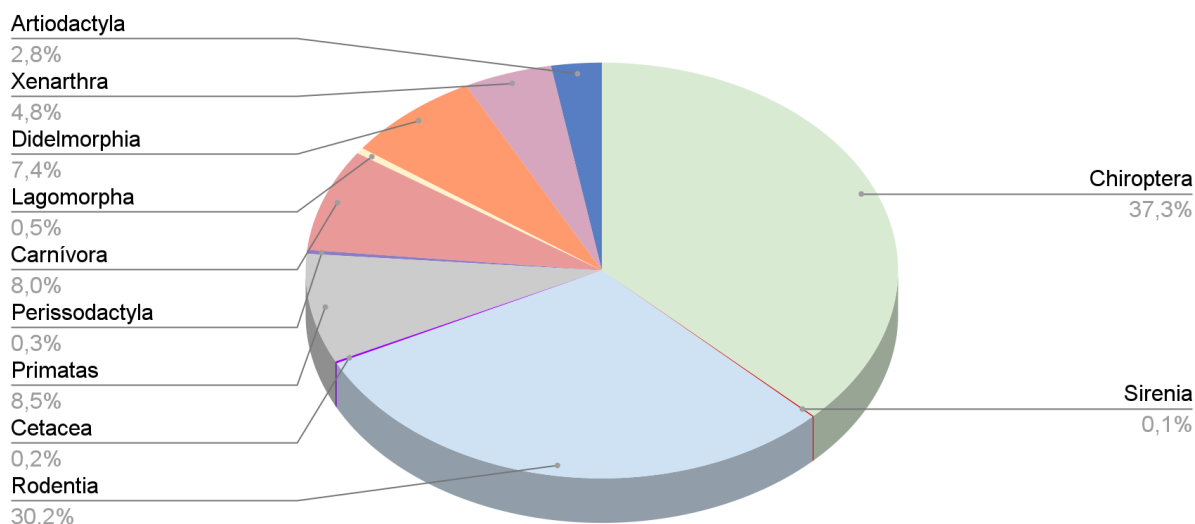


Fonte: Autoria própria.

Perceba que a categoria “Ungulados”, não se trata de uma ordem entre mamíferos, mas foi inserida pois, nos mitos Pé de Garrafa e Mapinguari, não é possível distinguir se o animal relacionado é um Perissodáctilo ou Artiodáctilo, considerando que a característica animalesca em questão são os pés em casco encontrados nas duas ordens.

Para fins de comparação com o último gráfico, desenvolvemos outro gráfico de proporção numérica entre ordens de mamíferos a partir dos dados dos gráficos de Marques Neto (2018), no quinto capítulo de *Zoogeografia do Brasil*. Para isso, somamos cada uma das 11 diferentes ordens de mamíferos presentes em cada um dos seis gráficos das províncias zoogeográficas brasileiras e transformamos os dados em um gráfico. Obtivemos a seguinte proporção entre as ordens:

**Gráfico 6:** Proporção numérica entre ordens de mamíferos na soma das ordens de mamíferos de todas as províncias zoogeográficas



**Fonte:** Autoria própria com base em Marques Neto (2018).

A comparação da proporção entre os dados do gráfico 5 e do gráfico 6 de algumas ordens chama muita atenção. Das 11 ordens de mamíferos da fauna brasileira, 4 delas não aparecem entre os mitos animalescos do livro: Sirenia, Didelmorphia, Lagomorpha e Chiroptera.

As ordens Rodentia e Chiroptera somam 67,5% no segundo gráfico, porém a primeira possui apenas um representante entre os mitos e a segunda não tem nenhum.

Com os ungulados ocorre o contrário. A ordem Perissodactyla representa 0,3% do total no segundo gráfico e entre os mitos são mais de um quinto. Já os Artiodáctilos são 2,8% no gráfico 6 e empatam em proporção com os Perissodáctilos no gráfico 5.

Outras duas ordens que aparecem com uma proporção bem acima no primeiro gráfico em relação ao segundo são os Cetáceos, com 0,2% no segundo gráfico e 6,5% no primeiro, e também os Carnívoros, que são a ordem com maior ocorrência entre os mitos, com 34,8%, contrastando com os 8% do segundo gráfico.

A única ordem de mamífero que manteve razoavelmente a proporção numérica foram os Xenarthra, com 4,3% no primeiro gráfico e 4,8% no segundo.

Além disso, a comparação entre a distribuição real da fauna brasileira e a seleção de animais presentes nos mitos revela que a construção das narrativas não depende apenas da disponibilidade biológica, mas também de processos socioculturais que moldam a percepção sobre cada espécie. Animais de maior porte, mais visíveis no cotidiano ou associados a comportamentos considerados simbólicos, como ferocidade ou força, tendem a ser escolhidos como base para os mitos, mesmo quando não representam a maioria taxonômica da região. Isso explica, por exemplo, a expressiva presença de carnívoros e ungulados entre os mitos, em contraste com a reduzida participação de roedores e quirópteros, apesar de sua abundância na fauna real. Dessa forma, os resultados demonstram que o imaginário popular opera em um campo híbrido, em que a observação direta da fauna local se combina com valores culturais e significados atribuídos às espécies, resultando em narrativas que traduzem o ambiente não apenas do ponto de vista biogeográfico, mas também simbólico.

### Considerações Finais

No transcorrer desta pesquisa, perpassamos por diversas constatações que embasaram a análise necessária para responder o problema colocado de antemão na introdução: Afinal, os

mitos trazidos por Luís da Câmara Cascudo em seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022) possuem alguma relação com a fauna presente nas províncias zoogeográficas brasileiras?

Nas palavras que antecedem esta conclusão, buscamos evidências que pudessem testar a nossa hipótese afirmativa e, conforme mostrado nas quantificações levantadas, expostas por meio dos gráficos deste trabalho, encontramos dados que convergem para podermos afirmar que sim, a mitologia animalesca expressa em *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2022) possui forte relação zoogeográfica, no sentido em que as características físicas destes mitos encontram suas inspirações em características presentes em bichos que ocorrem na própria fauna local. De todos os 72 mitos selecionados para esta pesquisa, 45 deles (62,5%) possuem base animalesca, seja de animais silvestres ou domésticos e, dentre estes 45, 44 deles (97,7%) possuem animais com características semelhantes ocorrendo no(s) local(is) onde o mito é difundido. A classe de animais vertebrados Mammalia é a que possui maior participação dos mitos, com 46 participações, sendo a ordem dos Carnívoros a de maior influência entre os mitos abordados.

A abordagem tomada na presente pesquisa, relacionando os mitos e a fauna local, a cultura popular e a zoogeografia, promove conversações importantíssimas que enriquecem ambas as áreas do saber. Dessa forma, buscamos ao longo deste trabalho expressar o importante papel da geografia na análise da relação sociedade-natureza, por meio dos conhecimentos da biogeografia. Com esta pesquisa espera-se, de alguma forma, contribuir para estudos futuros, não só relacionados à esta área, mas também em outros campos do conhecimento, haja vista a carência existente de estudos que disponham da interseção aqui disposta entre a biogeografia, sobretudo a zoogeografia, e os nossos mitos, que são parte fundamental da constituição da identidade cultural do povo brasileiro.

Em outras palavras, os achados desta pesquisa reforçam a importância de se reconhecer a biogeografia como elemento ativo na construção dos sistemas simbólicos que estruturam o folclore brasileiro. As correlações observadas entre fauna e mitos demonstram que o imaginário popular não é produzido de forma isolada, mas emerge de interações contínuas entre o meio e as sociedades. Esses achados destacam a importância de que pesquisas futuras ampliem a intersecção entre ciências naturais e humanas, adotando novas abordagens regionais em outros contextos e analisando como os mitos evoluem em resposta às mudanças ambientais contemporâneas.

Esta pesquisa também nos revela a forma como o meio no qual estamos inseridos influencia nas nossas crenças. Afirmar que se sustenta pelo fato de não termos mitos sobre leões, cangurus, pandas, ou qualquer outro animal que não ocorra no Brasil. A pesquisa também sugere que, embora os mitos migrem com os povos, eles também se transformam de acordo com o contexto em que chegam. Tanto é que são muitos os mitos que possuem variações regionais, que alteram as suas características animalescas, por exemplo.

Assim, este estudo colabora para fortalecer um campo interdisciplinar ainda em desenvolvimento, evidenciando que compreender os mitos brasileiros implica, inevitavelmente, compreender os ecossistemas que moldaram e seguem moldando o imaginário coletivo das diferentes sociedades.

Em síntese, os resultados alcançados demonstram que a compreensão dos mitos brasileiros exige necessariamente a compreensão dos ambientes que lhes dão origem, evidenciando que natureza e cultura formam, no Brasil, um campo de interdependência profunda. A investigação realizada confirma que os mitos não apenas refletem a fauna local, mas também expressam a maneira como diferentes grupos humanos percebem, interagem e atribuem significado ao mundo natural que os cerca. Assim, ao iluminar a dimensão zoogeográfica presente nas narrativas folclóricas, este estudo reafirma a pertinência de abordagens

interdisciplinares e convida a que novos olhares continuem ampliando o entendimento sobre a temática, preservando e valorizando a riqueza cultural que nos constitui.

## Referências

- Andrade, Mário de. (2001). *Aspectos do folclore brasileiro*. 1ª edição. São Paulo: Global Editora.
- Cascudo, Luís da Câmara. (2012). *Dicionário do folclore brasileiro*. 12ª edição. São Paulo: Global Editora.
- \_\_\_\_\_. (2022). *Geografia dos mitos brasileiros*. 5ª edição. São Paulo: Global Editora.
- \_\_\_\_\_. (2012). *Folclore do Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Global editora.
- Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. (2002). *Entendendo o Folclore e a Cultura Popular*. Rio de Janeiro, RJ, p. 1-5
- Coutinho, Leopoldo Magno. (2016). *Biotomas brasileiros*. 1ª edição. São Paulo: Editora oficina de textos.
- Edelweiss, Frederico. (2001). *Apontamentos de Folclore*. EDUFBA, BA.
- Figueiró, Adriano. (2015). *Biogeografia: Dinâmicas e transformações da natureza*. 1ª edição. São Paulo: Editora oficina de textos.
- Marques Neto, Roberto. (2018). *Zoogeografia do Brasil: a fauna, a paisagem e as organizações espaciais*. 1ª edição. Curitiba: CRV.
- Paiva, Melquíades Pinto. (1999). *Conservação da fauna brasileira*. Rio de Janeiro: Interciência.
- Silva-Diogo et al. (2020). Expansão da área de ocorrência do lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus* (CARNIVORA, CANIDAE), no bioma amazônico. 935. *Oecologia Australis*, vol. 24 n° 4. Itirapina (SP), p. 928-937. Disponível em: <https://doi.org/10.4257/oeco.2020.2404.15>.